

INTRODUÇÃO

O fenômeno da urbanização colocou a Igreja em estado de alerta. Não vem de hoje a constatação de que a paróquia atravessa uma profunda crise em sua identidade. Um objeto estranho parece ter entrado nas engrenagens de uma instituição bimilenar. Se há algum tempo a Igreja vem sentindo os abalos das mudanças socioculturais, hoje, no limiar do terceiro milênio, a crise parece chegar ao seu limite. A atual configuração eclesial se vê incapaz de conviver com o inevitável mundo urbano, presente em maior ou menor intensidade, tanto nas zonas rurais como no coração das grandes metrópoles. Não há como esconder o mal estar existente entre o novo momento histórico e a atual estrutura institucional da Igreja, nascida num contexto predominantemente rural. A efervescência de novos movimentos e comunidades eclesiais surgidas nos últimos anos é, de certa forma, um claro indício da insatisfação com modelos eclesiás burocráticos que já não favorecem mais a experiência comunitária.

A paróquia, estrutura de base da Igreja, é a instituição na qual mais transparece o descompasso entre contexto urbano e realidade eclesial. É possível a paróquia, fiel a sua missão, ser hoje, no mundo urbano, uma comunidade eclesial? Tal pergunta é de fundamental importância primeiramente porque comunidade é identidade mesma da paróquia, e em segundo lugar porque a dimensão comunitária deve ser concretizada no hoje da história e não apesar dela. Caso contrário, o Evangelho anunciado e vivido pelas comunidades cristãs não será uma Boa Nova para o homem urbano. É nesta perspectiva que o presente trabalho aborda, a partir do hodierno contexto sociocultural-religioso, a realidade paroquial, numa perspectiva de renovação

Para compreender com profundidade as raízes teológicas e culturais do dilema paroquial, e poder vislumbrar ares de renovação, imprescindível se torna o confronto com a realidade que nos cerca. No primeiro capítulo, abordaremos o atual contexto sociocultural, marcado por profundas mudanças e tendências, cujas consequências para a religião não são periféricas. O modelo de sociedade uniforme, sagrada, estática, objetiva, cede lugar à secularização, à mobilidade, ao pluralismo, ao subjetivismo individualista do fenômeno urbano. Tais características atingem tudo e a todos, a cidade e o campo, o jovem e o idoso, as instituições, as tradições, e também a fé. ‘Retorna, então, ‘o sagrado, com as

cores do pluralismo, da privatização, do individualismo, da mobilidade religiosa, da desterritorialização. Contudo, a fé cristã tem uma palavra a pronunciar a esta realidade. Não deixaremos de apontar os marcos críticos teológicos, no intuito de iluminar o atual cenário sócio-religioso.

No segundo capítulo continuaremos a jornada do diálogo e do confronto. Agora buscando aproximar a realidade paroquial com as novas tendências eclesiais que emergem da nova sensibilidade sociocultural-religiosa. No ‘retorno do sagrado’, se reina o individualismo religioso, paradoxalmente, a sede de fraternidade e comunhão, concretizada em formas criativas de pertença eclesial, tem sido uma constante na Igreja. Abordaremos, portanto, a novidade das novas comunidades eclesiais, fenômeno que tem chamado atenção de todos pelo rápido crescimento. Oriundas da Renovação Carismática Católica, elas revelam a tendência sempre mais presente de novas e criativas configurações comunitárias da fé, que de certa forma respondem com mais facilidade aos novos desafios advindos do contexto sociocultural. As novas comunidades eclesiais trazem consigo intuições significativas para a comunidade eclesial. São elementos indispensáveis para a concretização da vida comunitária na Igreja. Por isso mesmo podem lançar luzes para a renovação paroquial. A abordagem das novas comunidades não terá o caráter de apologia das mesmas. Trata-se de perceber, para além de suas limitações, as contribuições que elas trazem para a vida eclesial, mais especificamente, para a paróquia. Após uma abordagem panorâmica das novas comunidades, nos deteremos em três delas: Shalom, Toca de Assis, e Bom Pastor, nas quais faremos uma breve pesquisa de campo, no intuito de melhor perceber a organização comunitária das mesmas.

No terceiro e central capítulo da dissertação, entraremos na vida paroquial. Um rápido sobrevôo da história da paróquia até uma retomada, a título de recapitulação, das principais características do contexto urbano, ajudará a abordar o tema de modo mais consciente. Mostraremos que a identidade da paróquia está comprometida. Por ter sido criada num mundo rural, ela enfrenta enormes dificuldades na vivência comunitária. A burocracia reinante, além do acentuado clericalismo, não responde às expectativas do homem urbano. Tão veloz quanto à influência do contexto urbano deve ser as buscas de renovação, embora não haja caminhos prontos. Ofereceremos não mais que pistas de revitalização, linhas básicas de ação pastoral, que apontam para o acento à pessoa, a formação de

pequenas comunidades e grupos menores os quais favorecem o convívio, e à missão, numa atitude de diálogo com o mundo urbano.

Motivou-nos na escolha do tema o fato de estarmos mergulhados no trabalho pastoral paroquial e acreditar em sua capacidade de revitalização. Apesar de nossa curta trajetória na missão evangelizadora em uma paróquia, experimentamos com intensidade os desafios impostos pelo contexto urbano, sobretudo num contexto com alto índice de urbanização como é o caso do Rio de Janeiro.